

**INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR SANT'ANA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ÂNGELA CRISTINA ROSA
FRANCINE KWIATCOWSKI KOUBA**

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: DIFICULDADES E
AVANÇOS**

**PONTA GROSSA
2021**

**ÂNGELA CRISTINA ROSA
FRANCINE KWIATCOWSKI KOUBA**

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL: DIFÍCULDADES E
AVANÇOS**

Monografia apresentada como requisito de avaliação
para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia do
Instituto de Ensino Superior Sant'Ana.

Orientadora: Prof.^a Ms Luana Tramontin

PONTA GROSSA
2021

ÂNGELA CRISTINA ROSA FRANCINE KWIATCOWSKI KOUBA

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL NA CONTEMPORANEIDADE:
DIFICULDADES E AVANÇOS

Trabalho de Conclusão de Curso da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana
apresentado como requisito parcial para a obtenção do Licenciada em Pedagogia.
Aprovado no dia 23 de novembro de 2021 pela banca composta por Luana Eveline
Tramontin(Orientador), Anália Maria de Fátima Costa e Maria Elganei Maciel



LUCIO MAURO BRAGA MACHADO
Coordenador do Núcleo de TCC

Dedico este trabalho a minha família que é meu sustentáculo, meus sobrinhos que são minha fonte de alegria e a todos os meus amigos que nunca deixaram de acreditar em mim.

Dedico ao meu esposo que é meu alicerce, a minha irmã Odilene, que é professora, e me incentivou e viu potencial em mim para o educar e a todas as minhas colegas de caminhada que de alguma forma me ajudaram.

AGRACECIMENTOS

Ao grande Amor da minha vida, O Bom Deus, que me olha com misericórdia todos os dias e me dá a chance e a força para recomeçar, a minha Mãe Maria Santíssima e Santa Teresinha que sempre me colocam no colo e de volta a rota certa.

Aos meus pais, que são a presença da Sagrada Família na minha vida, aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos a presença, a paciência e o amor para comigo.

Aos meus amigos sacerdotes, que me sustentaram nas orações, nas santas missas e permaneceram comigo nos momentos mais difíceis, quando parecia não ter mais solução, em especial Padre Deoni Alexandrino e Padre Paulo Ricardo.

Aos meus amigos investidores que são tantos, aqueles que me vestiram, que pagaram medicações, a faculdade, as necessidades nesse tempo de vulnerabilidade de saúde, a Eliane e Dito, Roseli e Gelati, Liliane e Jânio, Acelina Rondon, Ana Paula Maravilhosa, Luana e Adriano, Carlos Barbosa, Maria Beatriz e Willian, Isabela, Neusa e Bruce (José) e a professora Neusa.

A todos os meus amigos, filhos e filhas do Mato Grosso, presença constante no meu coração e na minha vida cotidiana.

A faculdade Sant'Ana na presença da Irmã Olmira que me apoiou, me ouviu, teve paciência comigo, bem como a todos os meus professores e colegas de graduação pela presença amigável.

A professora Luana e a professora Fátima, as primeiras que conheci, que me acolheram com toda a paciência e me apoiaram a correr atrás, enfim a todos os mestres que conheci neste tempo, que foram sustentáculo de conhecimento e de exemplos nesse tempo de formação, pessoas inesquecíveis.

Agradeço a Deus por não desistir de mim (mesmo muitas vezes brigando com Ele), agradeço por ter me presenteado com um marido maravilhoso, que em todos os momentos com sua paciência infinita soube contornar meus momentos de extrema dor e preocupação.

Sou grata pela minha parceira de jornada acadêmica que sempre teve muito amor e compaixão por mim, me apoiando e me incentivando a não desistir, e a sua família que me acolheu de braços abertos.

Gratidão também a minha mãe que me deu apoio financeiro, para que esse

sonho pudesse se tornar realidade e por acreditar em mim.

Com muito amor agradeço, em memória, ao meu pai que estaria muito feliz pela minha conquista, pois a partir do seu exemplo me tornei uma mulher mais forte.

Gratidão a professora Luana que teve muita paciência e carinho conosco como nossa orientadora nesse trabalho, à professora Fátima, pela bondade em seu coração em momentos que me vi sem alternativa e a professora Lucimara pela empatia que teve comigo em vários momentos da minha vida acadêmica.

Tenho um carinho especial pela Irmã Olmira, que em todos os momentos me recebeu com muito amor, tirando minhas dúvidas e me ajudando com o que precisava para eu chegar até aqui.

“Nós devemos ter presente ao espírito
a vasta ideia da educação, a saber, a
educação como a formação do ser
humano na sua completude para que
ele se torne o que deve ser.”

(Edith Stein)

RESUMO

A principal motivação para a realização desta pesquisa partiu do pressuposto de investigar como acontece o processo de inclusão dentro de escolas públicas e escolas privadas, esquadrinhar sua evolução e os pontos ainda vulneráveis, os desafios ainda enfrentados tanto pelos profissionais de educação, como pelas crianças com deficiência (transtornos, ou síndromes) e suas famílias, bem como os avanços alcançados pela educação inclusiva. Para tal intento foram escolhidas uma escola da rede municipal e uma escola da rede privada, como campo de pesquisa para análise. Das transformações sociais e educacionais históricas, observa-se nas últimas décadas, discursos, documentos e práticas que tem acontecido com relação à inclusão num contexto geral, algumas assertivas, outras que ainda estão somente no papel, mas um tema com tanto ainda a crescer. Pode- se afirmar que estudar sobre a inclusão no Brasil hoje, aprofunda a compreensão sobre as novas estruturas políticas mais recentes, e das históricas lutas travadas até hoje pela inclusão, das pessoas com deficiência na escola regular e para uma sociedade inclusiva. O presente trabalho tem com pretensão de contribuir para uma maior compreensão sobre a inclusão praticada nas escolas pelos profissionais de educação, aprofundadas na pesquisa bibliográfica. A partir dos resultados obtidos foi possível identificar que evidencia-se a necessidade urgente de uma abertura de consciência, uma dose de empatia, e formação prática nas escolas, para que o ideal da inclusão não permaneça apenas palavras belas, porém sem vida, utopia, enquanto na realidade as crianças inclusas sejam prejudicadas por não terem acesso a um ensino de qualidade e uma acolhida digna da riqueza que é o seu ser diferente.

Palavras-chave: avanços, criança, inclusão, diferente, educação, escola, empatia, retrocessos.

ABSTRACT

The main motivation for carrying out this research assumed of investigating how the inclusion process takes place within public and private schools, investigating its evolution and the still vulnerable points, the challenges still faced by both education professionals and children with disability (disorders, or syndromes) and their families, as well as the advances achieved by inclusive education. For this purpose, a school from the municipal network and a school from the private network were chosen as the research field for analysis. From the historical social and educational transformations, in recent decades, discourses, documents and practices can be observed in relation to inclusion in a general context, some assertions, others that are still only on paper, but a topic with so much to grow. It can be said that studying inclusion in Brazil today deepens the understanding of the newer political structures, and of the historical struggles waged to date for inclusion, of people with disabilities in regular schools and for an inclusive society. The present work intends to contribute to a greater understanding of the inclusion practiced in schools by education professionals, deepened in the bibliographical research. From the results obtained, it was possible to identify that there is an urgent need for an opening of conscience, a dose of empathy, and practical training in schools, so that the ideal of inclusion does not remain just beautiful words, but lifeless, utopia, while the children included are harmed for not having access to quality education and a welcome worthy of the richness that is their being different.

Keywords: advances, child, inclusion, different, education, school, empathy, setbacks.

SUMÁRIO

II- INTRODUÇÃO	13
III- BREVE HISTÓRICO	16
IV- CAMINHOS PERCORRIDOS E CAMINHOS A SEREM TRILHADOS.....	19
V- FAMÍLIA PRIMEIRO CAMINHO DA EDUCAÇÃO	21
VI- A EMPATIA NO CAMINHO DA INCLUSÃO.....	23
VII- A PEDAGOGIA MODERNA E A INCLUSÃO	25
VIII- A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA INCLUSÃO	27
IX- METODOLOGIA.....	29
X- ANÁLISE DE DADOS	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXO 1	43
QUADRO 1	17
QUADRO 1 CONTINUAÇÃO	18

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 PROCESSO EVOLUTIVO EDUCAÇÃO INCLUSIVA	17
QUADRO 1 CONTINUAÇÃO	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmera de Educação Básica
CF	Constituição Federal do Brasil
CNE	Conselho Nacional de Educação
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PDE	Programa de Desenvolvimento Educacional
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEE	Plano Nacional de Educação Especial
SEESP	Secretaria Educação Especial
SECADI	Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Inclusão

I- INTRODUÇÃO

A principal motivação para realização de estudo nesta temática surgiu da percepção da ampliação de discussões a respeito do tema “inclusão” no Brasil com visões deturpadas do que é o ideal apresentado até a atualidade, bem como, da vivência dentro de uma escola de educação especial, na escola regular com deficientes inclusos e por familiares de pessoas com deficiência.

O art. 205 da Constituição Federal do Brasil de 1988 afirma que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, bem como promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Quando está descrito a palavra: “todos”, leva-se a uma reflexão com relação a diferença implícita em cada ser humano, e logo vem o questionamento: e quem não tem condições de frequentar a escola? Em seguida no art. 206 da CF/88 vem especificando os princípios de como o ensino deve ser realizado, com ênfase nas palavras: igualdade, liberdade, pluralismo, gratuidade, valorização dos profissionais e gestão democrática.

Tomando por base inicial a CF/88, 33 anos após sua homologação, percebe-se muitos passos progressivos no tocante a educação inclusiva e outros regressivos, porque hoje pode-se tratar de uma gama de temas neste sentido, porém neste trabalho ater-se-á a inclusão da criança com deficiência, transtorno e síndromes, dentro das escolas de ensino regular no ensino fundamental, foi-se utilizada a ferramenta de pesquisa de campo em escolas das redes: municipal e privada, aprofundando as relações aluno-escola, aluno-família, escola-aluno.

Das transformações sociais e educacionais nas últimas décadas, observa-se manifestações, documentos e práticas que vêm acontecendo com relação à educação num aspecto geral, pode - se afirmar que estudar sobre a inclusão no Brasil hoje, aprofunda a compreensão sobre estruturas políticas mais recentes e das históricas lutas travadas pela inclusão na escola regular para que futuramente se chegue a uma sociedade inclusiva.

Quando os documentos apontam a palavra “direito” ou “dever” desperta-se um olhar de destaque no aspecto da educação inclusiva, porque para que a criança com deficiência tenha esse direito a educação como todas as outras, é necessário que o Estado, as políticas públicas educacionais, os profissionais da educação, bem como, toda a sociedade, tomem consciência do seu dever num sentido prático com estruturas físicas, de formação, de empatia.

No contexto geral, desperta-se a consciência de que todos os seres humanos são de alguma forma “deficiente” quando olhado pela ótica de que nenhum ser humano é plenamente “perfeito” ou igual, segundo

Saviani, (2008 p. 8),

[...] é interessante notar que alguns dos principais representantes da pedagogia nova se converteram a pedagogia a partir da preocupação com os anormais. Nota-se, então, uma espécie de bio-psicologização da sociedade, da educação, e da escola. Ao conceito de “anormalidade biológica” construído a partir da constatação de deficiências neurofisiológicas se acrescenta o conceito de “anormalidade psíquica” detectada através dos testes de inteligência, de personalidade etc., que começam a se multiplicar. Forja-se então uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir da descoberta das diferenças individuais. Eis a “grande descoberta”: os homens são essencialmente diferentes, não se repetem, cada indivíduo é único.

Como aponta o autor, a descoberta de uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir das diferenças trabalhando a partir a unicidade de cada ser humano.

Percebe-se que na vida da criança, depois da família, o seu primeiro meio social é a escola, que é um ambiente plural, onde a criança começa a se deparar com várias diferenças no aspecto físico, social, cultural, desperta-se a curiosidade pelo outro que é diferente da cor dele, do seu modo de falar, de vestir, de brincar, de se portar etc. então, surgem as primeiras dificuldades, de aceitação do outro.

Tendo em vista isso, faz-se necessário a descoberta de uma pedagogia que advoga um tratamento diferencial a partir das diferenças, trabalhando a partir a unicidade de cada ser humano, desperta-se a curiosidade pelo outro que é diferente da cor dele, do seu modo de falar, de vestir, de brincar, de se portar etc. então, surgem as primeiras dificuldades, de aceitação do outro. Desse modo, a partir da “preocupação com os anormais”, questiona-se o que vem a ser normal? no livro Escola e Democracia, Saviani (2008, p.8) aponta como conceito do termo “marginalização”, pessoas postas a margem por suas diferenças, como um aspecto da falsa inclusão. Inicia-se então uma pedagogia que defende um tratamento diferente, para os indivíduos diferentes, dentro da sistematização da escola regular, eis o desafio.

Assim este trabalho justifica-se pelo questionamento: Quais foram as dificuldades e quais os avanços enfrentados pela educação inclusiva historicamente e atualmente no Brasil? O estudo foi realizado através de pesquisa campo com o objetivo central de investigar como acontece o processo de inclusão dentro das escolas públicas e privadas e esquadrinhar sua evolução e pontos ainda

vulneráveis na atualidade. Teve ainda como objetivos específicos, o propósito de contextualizar os avanços históricos do processo da educação especial com perspectiva da educação inclusiva, analisar os benefícios das diferenças e da unicidade do ser humano, e a importância inclusão na escola regular e identificar possíveis diferenças na maneira como é praticada a inclusão na escola pública municipal e na privada.

Utilizando para tais objetivos a pesquisa de natureza qualitativa, com procedimentos técnicos de pesquisa de campo, com questionários com perguntas abertas, respondidos por quatro professoras, sendo duas da rede Municipal de ensino e duas da rede particular de ensino da cidade de Ponta Grossa – Pr, e as informações colhidas aprofundadas pelo conhecimento científico por meio de Teóricos da Educação Inclusiva.

II- BREVE HISTÓRICO

Na antiguidade a pessoa com deficiência era tida como amaldiçoada começando pela Bíblia, era um pecador, castigado por algum motivo, desprezado até mesmo pelos pais, alguém deixado a margem sofrendo o preconceito e o desprezo da sociedade.

Durante séculos essas pessoas foram denominadas como sujeitos de poucas capacidades, incapazes de sobreviverem sozinhos ou de desempenharem qualquer atividade que seja. Porém, a partir século XIX o francês Jean Itard elabora o primeiro programa sistemático da educação especial inaugurando um novo tempo na vida da pessoa com deficiência, de famílias e da sociedade.

A educação especial no Brasil surgiu por meio do decreto 72.425, de 3 de julho de 1973 que criou o centro Nacional de Educação Especial o (CENESP), e em 1954 foi o surgimento da primeira APAE (Associação de Pais e Amigos dos Expcionais), movimento que rapidamente se espalhou por todo o país, devido ao despreparo do Estado em acolher e preparar pessoas com deficiência para a vida social e o exercício da cidadania.

Em 1994 surge o termo educação inclusiva, que ganha força após a primeira Conferência Mundial de Educação Especial, onde se reuniram 88 governos e 25 organizações internacionais em Salamanca/Espanha. No Brasil com a Constituição Federal de 1988, em especial art. 208 no inciso III, onde fica claro que o atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência deverá acontecer preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil 1988).

No princípio era tido como inclusão o fazer com que o “diferente ou anormal” fosse de certa forma transformado em “normal” para se igualar aos demais para que assim pudesse ser inserido e aceito na sociedade,

Segundo Antunes (2006, p. 15),

Com a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990 em Josteim na Tailândia, ratificada e confirmada na Declaração da Salamanca, na Espanha em 1994, tudo mudou. O mundo assumiu o obscurantismo de um passado de vergonha, deu voz a uma nova mentalidade social e para redimir-se criou-se o mais completo texto sobre inclusão educacional. Influenciado por esta nova mentalidade social, o país mudou. O Brasil oficialmente descobriu-se e para reduzir a vergonha da postura até então assumida, tornou-se signatário dessa Declaração.

O autor descreve o ponto histórico em que tudo começou a mudar, em que o mundo despertou para uma realidade de certa forma óbvia de que a pessoa com

deficiência não é um ser inerte, mas sim, uma pessoa com uma diferença mais centuada. A partir da declaração de Salamanca foi como se caíssem escamas dos olhos dos governos e da sociedade em geral, esta declaração traz o mais belo texto a respeito da inclusão educacional. O Brasil em especial tornou-se signatário desta declaração e inaugurou um novo tempo sobre a causa dos indivíduos com deficiência, suas famílias e alguns assumiram a causa e passaram a lutar por ela.

No quadro abaixo um esboço da evolução da educação em direção à educação inclusiva atual.

Quadro 1 – Processo evolutivo educação inclusiva

ANO	LEI	DE QUE SE TRATA
1961	4.024 LDBEN	A Educação de excepcionais enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade.
1971	5.692 LDBEN	A lei não promovia a inclusão na rede regular, determinando a escola especial como destino certo para essas crianças.
1988	CF/88 art.208	Atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.
1988	CF/88 art. 205 e206	A Educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho" e "a igualdade de condições de acesso e permanência na escola.
1990	ECA	Garante, entre outras coisas, o atendimento educacional especializado às crianças com deficiência preferencialmente na rede regular de ensino.
1994		Declaração de Salamanca: Define políticas, princípios e práticas da Educação Especial e influi nas Políticas Públicas da Educação. *Atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular; *trata da formação dos professores e de currículos, métodos, técnicas e recursos para atender às necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.
1996	9.394 LDB	*Atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular; *trata da formação dos professores e de currículos, métodos, técnicas e recursos para atender às necessidades das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.
1999	7.853 PPD	A Educação Especial é uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino e destaca como complemento do ensino regular.
1999	DEC. 3.298	A Educação Especial é definida como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino.
2001	10.172 PNE	Que a Educação Especial, "como modalidade de Educação escolar", deveria ser promovida em todos os diferentes níveis de ensino e que "a garantia de vagas no ensino regular para os diversos graus e tipos de deficiência" era uma medida importante.
2001	CNE/CEB nº 2	Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma Educação de qualidade para todos. Porém, o documento coloca como possibilidade a substituição do ensino regular pelo atendimento especializado. Considera ainda que o atendimento escolar dos alunos com deficiência tem início na Educação Infantil, "assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado.
2006	PNE	A inclusão de temas relacionados às pessoas com deficiência nos currículos das escolas.

CONTINUAÇÃO

ANO	LEI	DE QUE SE TRATA
2007	PDE	Trabalha com a questão da infraestrutura das escolas, abordando a acessibilidade das edificações escolares, da formação docente e das salas de recursos multifuncionais.
2008	6.571 DEC. AEE	O decreto obriga a União a prestar apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino no oferecimento da modalidade. O AEE deve estar integrado ao projeto pedagógico da escola.
2011	DEC. 7.480	Os rumos da Educação Especial e Inclusiva passam da Secretaria de Educação Especial (Seesp) do MEC para à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi).
2014	PNE	Universalizar para a população de 4 a 17 anos com deficiência transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.
2019	DEC. 9.465	Cria a Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, extinguindo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi).
2020	19.502 PNEE	Institui a chamada a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Para organizações da sociedade civil que trabalham pela inclusão das diversidades, a política representa um grande risco de retrocesso na inclusão de crianças e jovens com deficiência, e de que a presente iniciativa venha a substituir a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (listada nesse material, no ano de 2008), estimulando a matrícula em escolas especiais, em que os estudantes com deficiência ficam segregados.

Fonte:[https://www.camarainclusive.com.br/artigos/linha-do-tempo-leis-diretrizes-e-programas-sobre-educacao-especial/-acesso em 15/10/2021](https://www.camarainclusive.com.br/artigos/linha-do-tempo-leis-diretrizes-e-programas-sobre-educacao-especial/-acesso-em-15/10/2021)

Com o tempo foi-se encorpando cada vez mais os documentos no Brasil por exemplo, a Constituição Federal de 1988, o ECA de 1990, com a LDBEN 9393/96, PNEE de 2020, o MEC que propõe a inclusão sem limites, entre outros documentos e secretarias, que defendem, atualizam a inclusão na educação, e trilham os passos a serem dados.

III- CAMINHOS PERCORRIDOS E CAMINHOS A SEREM TRILHADOS

Caminhos de lutas, vitórias, derrotas e dúvidas ao longo desses anos de experiências com a tentativa da inclusão. Alguns teóricos e profissionais da educação desaprovam e criticam, outros defendem e apoiam, abraçam a causa da inclusão nas escolas regulares, mas a maioria desses defensores dizem não tolerar mais retrocessos,

Segundo Antunes (2006, p. 17),

A inclusão não pode mais permitir retrocessos, pois apoia-se na aceitação incontestável das diferenças individuais como atributo, jamais como obstáculo no direito de participar. Parece ter chegado finalmente a hora de se descobrir que é essencial valorizar o que a espécie humana possui de mais extraordinário: sua fantástica diversidade.

A linguagem utilizada pelo autor impelindo os leitores “à valorização do que a espécie humana possui de mais extraordinário: sua fantástica diversidade,” desvela a sabedoria do olhar para a diferença como soma. Se todas as flores fossem vermelhas, o jardim perderia o encanto da sua beleza, ou quando não está organizado com as diferentes espécies e cores de flores, a beleza também não aparece, porém quando cada planta está em seu lugar contribuindo uma com a outra para demonstrar a beleza do jardim, este torna-se capaz de alimentar os olhos e a alma daqueles que o contemplam. Assim como as plantas do jardim, pode-se comparar a diversidade humana, nem mesmo uma pessoa possui a digital igual a outra, assim, quando todos estão dentro da sala de aula, sendo formados a partir de quem são, a pequena violeta não deixará de florir pela exuberância da rosa, ou seja, a criança portadora de deficiência ou transtornos globais, não aprenderá menos do que as outras crianças, mas cada uma aprenderá da sua forma e ao seu tempo.

Segundo Mantoan, (2003, p. 20)

Contrariar a perspectiva de uma escola que se pauta pela igualdade de oportunidades é fazer a diferença, reconhecê-la e valorizá-la. Temos, então, de reconhecer as diferentes culturas, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas; enfim, precisamos construir uma nova ética escolar, que advém de uma consciência ao mesmo tempo individual, social e, por que não, planetária!

Como afirma a autora, a mudança do sistema educacional é imprescindível para que as letras passem a ter vida e não sejam letras mortas, para isso é necessário que os profissionais da educação sejam inclusivos, conheçam o que, e como trabalhar, e principalmente tenha-se a consciência de que a inclusão é para todos, não somente para as crianças com deficiência, todos os alunos são singulares,

diferentes, e tem direito a educação de qualidade, a esse descobrir-se e descobrir o mundo do conhecimento e pelo conhecimento.

Porém para que essa inclusão se torne uma realidade praticada, as estruturas físicas precisam ser adequadas para acolher a todos, os profissionais de educação precisam se abrir a formação, e as famílias a conscientização de acolhida e acompanhamento das observações da equipe da escola, compartilhamento e empatia, por ser um processo conjunto aluno-escola- família. Nesse sentido é um grande desafio, mas percebe-se serem esses os principais meios para a realização da inclusão a prática no dia a dia.

Para Mantoan, (2017, P.42)

A inclusão nos faz reconceituar a aula, o aluno, o professor, nas formas inusitadas em que se engendram, na mesma aula; o ensinar e o aprender, provocado que somos pelas perturbações que conseguimos distinguir no confronto das diferenças de uma escola para todos os alunos. Percebemos que, nesses ambientes, os alunos estão se diferenciando, juntos, apesar de todas as forças que possam agir em contrário: alguns alunos só estão na mesma sala, mas não acompanham os demais; a inclusão está excluindo mais do que trazendo benefício para certos alunos.

E nesse sentido encontra-se mais uma vez a exigência de uma dinamicidade na vida do profissional de educação, que sempre deve estar pronto a se adaptar às novidades na comunidade escolar, na sala de aula, o adaptar à sua turma diferença acenada pela autora, para que a inclusão não se torne exclusão e venha a atingir o aluno incluído de forma mais negativa que positiva, bem como os outros alunos, e o aluno incluído não seja só mais um número para as estatísticas.

Em muitas histórias de vida observa-se um acerto com a inclusão na escola regular, mas sempre casadas com a escola especial, frequentando as duas escolas, porém nenhuma delas sem um esforço tremendo do professor e uma luta dentro do espaço escolar, e na maioria dos casos existe o prejuízo na educação do incluído, e sendo assim para a família e claro para a sociedade.

Mantoan (2015 p.26) afirma que:

Se o momento é o de enfrentar as mudanças provocadas pela inclusão escolar, logo distorcemos o sentido dessa inovação, até mesmo no discurso pedagógico, reduzindo-a a um grupo de alunos (no caso, as pessoas com deficiência), e continuamos a excluir tantos outros alunos e mesmo a restringir a inserção daqueles com deficiência entre os que conseguem “acompanhar” as suas turmas escolares!

Por esse motivo, aponta-se que a inclusão gera uma crise no sistema de ensino tradicional, porque é um plano para todos os alunos e não a divisão em grupos deficientes e não deficientes, porque um dos grupos será automaticamente excluído,

é necessário lideranças que movimentem o sistema educacional, que busquem melhorias nas suas escolas, que façam uma pressão social sobre as autoridades de educação.

A inclusão demanda uma outra maneira de se fazer educação escolar, ela apresenta a ideia de que a educação conteudista e somente repassada é errônea, e que a formação do ser humano como pessoa única, capacitada para tantas coisas e incapaz de outras, e o que a junção desses talentos por meio da cooperação pode despertar, o trabalhar a pertença na sala de aula para que a criança desenvolva suas capacidades e conheça seus limites, e assim coletivamente, sendo esse um possível ponto de trabalho para a futura entrega do novo cidadão para a nova sociedade.

Saviani, 2008, p.9, afirma que “em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender”, eis a chave: todos precisam aprender a aprender, o governo, as escolas, os professores, os familiares, enfim a sociedade como um todo. Aprender a ensinar na singularidade de cada criança, acontecer na sala de aula uma cooperativa de inserção, de contribuição para a mudança de mentalidade da sociedade, para que assim consigamos construir uma verdadeira prática de inclusão, ou melhor, que ela saia do papel e respeite a identidade específica de cada criança.

IV- FAMÍLIA PRIMEIRO CAMINHO DA EDUCAÇÃO

Quando se forma uma família todos os casais esperam um filho saudável, normal, segundo padrões de normalidade impostos pela sociedade. Quando nasce uma criança com deficiência, em geral, a primeira reação é a tristeza, ou em alguns casos a rejeição da criança, referindo-se a ela como um problema, ou quando ao longo dos anos percebe-se alguma síndrome ou transtornos globais, tão comuns na atualidade, mas em muitos casos a família não aceita, trata como se não precisasse de uma atenção diferente para uma criança diferente, estas são situações a ser trabalhadas pela família durante a vida toda, e aqui entra o “aprender a aprender” de Saviani (2008), a integração escola – família - sociedade.

Segundo Dias (2018, p. 08),

A inclusão é um desafio por envolver toda a sociedade, lidar com sua heterogeneidade e propor a igualdade de direitos ao estudo, ao trabalho ao lazer e a outros levando em consideração a especificidade e o dom de cada um sem, contudo, ver o indivíduo por fora e, sim, ver sua essência, isto porque ninguém deve carregar a culpa de haver nascido em tal raça, de tal cor ou com deficiências sejam elas intelectuais, motoras ou sensoriais.

O autor propõe um novo olhar, o ver a essência, o dom que cada indivíduo traz em si, independente do seu exterior. Pela falta dessa inclusão ao longo dos anos é que a mentalidade das pessoas ainda é igualitária entre normal e anormal, ainda se têm medo de ter filhos com diferenças mais acentuadas, porém, ao longo dos anos uma porcentagem muito grande de pais que passam a amar e admirar a esses filhos em demasiado por reconhecer a grandiosidade deles, leva a reflexão do desafio mundial que este tema envolve, quando se propõe na maioria dos países políticas de igualdade, e de direito ao estudo, de inclusão social, bem como direito a uma vida digna, e mais um ponto de extrema importância que porém é raramente refletido pela maioria da sociedade, de que ninguém tem culpa de nascer, com determinada cor, raça ou deficiências sejam físicas, psíquicas, motoras ou sensoriais, e isso não faz ninguém menos que ninguém, mas diferente, a verdadeira riqueza da humanidade.

Cada ser humano é tão inteiro, tão perfeito como você leitor deste trabalho, e aqui vale citar a conversa da raposa com o pequeno príncipe, nesta frase célebre: “só se vê com o coração, o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry, 2013,56). Se o mundo, mas em especial as famílias, e os profissionais de educação assumirem essa frase como um tema de vida, talvez a inclusão aconteça de forma natural.

Segundo Antunes (2006, p. 121),

Faça as crianças descobrir suas qualidades, observando-a com “lente de aumento” e fazendo-o, com paciência, superar suas mágoas e frustrações. Mostre em todas as oportunidades, o ponto forte da criança não como quem exibe um consolo a seus problemas, mas como bom e imparcial observador que sabe perceber dificuldades e sabe exalar qualidade [...]

O autor aponta onde encontra-se a força transformadora da humanidade: a criança, como no pequeno príncipe, as qualidades as vezes ficam escondidas a olhos nus, o essencial é invisível aos olhos, e muitas vezes não são desenvolvidas por serem desconhecidas, porque a criança com deficiência, transtornos ou síndromes, precisa que alguém com essa lente de aumento esteja ao lado da criança, ajudando-a a descobrir seus talentos, até porque um indivíduo com uma determinada deficiência desenvolve com maior potência outro aspecto na sua vida, por exemplo um surdo, desenvolve a sensibilidade do olhar, a ponto de saber ouvir com os olhos, a leitura labial, ou a língua de sinais.

O lugar de maior excelência para esta lente de aumento é em casa com sua família a primeira sociedade da criança e a de maior importância afetiva para ela e assim trabalhada em casa, com segurança na escola exerça a capacidade de enfrentar as batalhas cotidianas, conheçam o seu ponto forte e o seu ponto sensível,

sabendo quem é, de onde vem e aonde quer chegar.

Na Declaração de Salamanca 2004, n. 59, afirma que:

Uma parceria cooperativa de apoio entre administradores escolares, professores e pais deveria ser desenvolvida e pais deveriam ser considerados enquanto parceiros ativos nos processos de tomada de decisão. Pais deveriam ser encorajados a participar em atividades educacionais em casa e na escola (onde eles poderiam observar técnicas efetivas e aprender como organizar atividades extracurriculares) bem como na supervisão e apoio à aprendizagem de suas crianças.

O texto supracitado reafirma que, à família cabe essa participação na vida escolar da criança, tendo da parte da escola um espaço de diálogo e troca de informações dentro da escola, seja com a professora, seja com a equipe gestora.

Quanto a ensinar e ser presença na vida da criança, não significa mimar as crianças para que usem na escola a deficiência, transtorno ou síndromes como amuleto para não se comportarem, e seguirem as normas cabíveis na escola, agindo ambos de forma que exista esse caminho de cooperação entre a escola e a família, ambas avaliando constantemente os sinais de evolução e dificuldade da criança, para que juntos alcancem o fim esperado da educação, a formação de cidadãos novos para um mundo novo.

V- A EMPATIA NO CAMINHO DA INCLUSÃO

Neste caminho de expansão do projeto de inclusão das pessoas com deficiências ou transtornos globais alguns aspectos muito importantes foram se revelando, a questão da empatia é um deles.

A palavra empatia tem origem no grego e significa paixão, no dicionário de língua portuguesa se traduz como “Aptidão para se identificar com o outro, sentindo o que ele sente, desejando o que ele deseja, aprendendo da maneira como ele aprende etc.; identificação.” (EMPATIA/2021)

Nas competências da BNCC encontra-se orientações com relação ao bom funcionamento da escola, e para aprendizagem de qualidade dos alunos, mas para que se alcance o êxito com o alunado, faz-se necessário que a equipe escolar viva primeiro os valores a serem repassados.

Para se trabalhar uma questão tão importante e delicada como a inclusão faz-se necessário que a escola funcione num ambiente de cooperação e empatia, como afirma – se nas competências da BNCC nº 9:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos

humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017)

Dentro do ambiente escolar já se espera que as coisas funcionem num conjunto, que toda a equipe trabalhe com um único objetivo: o bem e a educação da criança, para se formar ano a ano aqueles que no futuro serão os professores, os governantes, os cientistas etc. e é neste sentido que todos os cursos de graduação na área de educação ensinam que deve ser o cotidiano do profissional de educação, e que as leis e toda documentação que rege o sistema educacional aponta também, porém na atualidade a questão empática se tornou necessária de ser ensinada e praticada, pode-se afirmar que a empatia se tornou virtual, praticada nas redes sociais, porém quando se trata da convivência é um ponto delicado e muitas vezes não praticado.

Para Mantoan, (2015 p.34)

Tem-se um ensino de qualidade a partir de condições de trabalho pedagógico que implicam formação de redes de saberes e de relações, que se entrelaçam por caminhos imprevisíveis para chegar ao conhecimento; existe ensino de qualidade quando as ações educativas se pautam na solidariedade, na colaboração, no compartilhamento do processo educativo com todos os que estão direta ou indiretamente nele envolvidos.

A autora descreve pontos necessários para que a educação de qualidade aconteça, entre linhas pode-se ler o exemplo da equipe, a criança está em constante aprendizagem na escola, e nesta o agir da equipe educacional é assimilado por elas. E nos dias atuais encontram-se em todos os lugares, pessoas divididas e lutando por seus próprios interesses, sem um sentido profundo no seu trabalho, apenas cumprindo o necessário para garantir o salário no final do mês, esse aspecto triste e pode-se dizer caótico, que se agravou depois da chegada da pandemia da covid 19, tempo em que todas as pessoas tiveram de viver em isolamento social, fazendo com que desaprendessem o valor da convivência, da empatia, da cooperação mútua, e o mais triste é que os indivíduos adultos muitas vezes não percebem, é que esta situação alcançou diretamente as crianças, e claro que as crianças do programa de inclusão foram mais atingidas ainda.

Para acolher crianças com deficiência, transtorno ou síndromes na sala de aula da escola regular, hoje faz-se necessário um trabalho com a equipe educacional com relação a empatia, em especial com os professores regentes, não se pode ensinar algo se não descer a realidade da criança em geral, não apenas aquelas com deficiências, síndromes ou transtornos, é necessário entender, conhecer ser um com

ela, e assim com cada uma.

Na vida escolar para crianças como um todo, mas em especial as com deficiência, síndromes ou transtornos globais, a empatia relacional entre professores e alunos é uma das ferramentas fundamentais e de extrema importância para uma concretização da inclusão, Rus, cita Stein,

Ao constituir outro indivíduo, no caso o educando, num primeiro momento o educador que o empatiza capta um determinado estado de ânimo, que se dá via aparições expressivas. É um processo de mão-dupla, isto é, também o educando empatiza o professor (apud RUS, 2015, P.55)

Para a autora a troca empática entre professor e aluno permite que o ensino seja enraizado na vida do aluno, quando se tem a consciência do sujeito do aluno, seu processo de crescimento individual por meio do qual o professor é o mediador daquilo que o educando tem capacidade de se tornar, trata-se da construção do outro, a partir daquilo que ele é, assim torna-se possível a descoberta na escola de pessoas fabulosas, por exemplo Einstein e Newton, Bill Gates, segundo o jornal diário de notícias (2009) especialistas afirmam que eles apresentam sinais de Asperger, uma espécie de autismo, entre tantos outros exemplos cabíveis aqui, pode-se apresentar também as olimpíadas paraolímpicas, o quanto o ser humano pode se desenvolver a partir de alguém que aposte nele, logo, o que uma escola com uma educação inclusiva praticada poderia descobrir entre tantas joias raras confiadas a ela para serem polidas.

VI- A PEDAGOGIA MODERNA E A INCLUSÃO

No século XIX, o suíço Johann Heinrich Pestalozzi, um dos pioneiros dos teóricos da pedagogia moderna, já havia feito a descoberta do uso da afetividade na arte de educar, para ele o objetivo final da educação deveria ser a formação intelectual, física e afetiva (moral) do indivíduo, a partir deste ideal afirma-se hoje em pleno século XXI, o tempo passou, muitos outros teóricos com métodos semelhantes surgiram, apontando uma educação focada no aluno, a partir do desenvolvimento da inteligência da criança e não pela mera transmissão de conhecimentos de um mestre, mas na maioria das instituições não se encontra essa filosofia.

Pestalozzi foi o idealizador do método intuitivo, que significa trabalhar a partir da experiência com a criança, pelas percepções sensoriais, visuais e auditivas, estas despertam na criança a curiosidade e com a análise a partir da observação e da pesquisa excita-se a criança a procurar o conhecimento

pelo prazer de saber.

Traz-se este teórico aqui, pelo esforço que algumas escolas, e alguns educadores têm feito pela realização de uma inclusão na escola regular, que saia das belas palavras escritas em documentos e leis, e se tornem uma realidade praticada, segundo Mantoan, (2015, P.16)

Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, assim sendo, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno — segundo suas capacidades e seus talentos — e de um ensino participativo, solidário, acolhedor.

Encontra-se nas palavras da autora a mesma ênfase, que lá no século XIX Pestalozzi já defendia e aplicava, a formação integral do aluno dentro da sua personalidade, de seus talentos, e esta motivação não se dá apenas a crianças com deficiências, transtornos ou síndromes, mas sim a todos os educandos, todos precisam ser inclusos, e a partir do termo cooperação, citado também inúmeras vezes na BNCC, pode-se almejar o nascer de uma nova geração, de educandos e educadores, para uma sociedade nova. Segundo Mantoan, (2015, p. 9)

Com tudo isso, quero dizer que uma escola para todos não desconhece os conteúdos acadêmicos, não menospreza o conhecimento científico, sistematizado, mas também não se restringe a instruir os alunos, a “dominá-los” a todo o custo.

O focar o ensino no aluno não significa, despreparo acadêmico, ou jogar fora os conhecimentos científicos alcançados ao longo da história, o que se espera das instituições de ensino é um ressignificar o processo educacional, não colocar o sistema nas mãos dos alunos, mas a partir do aluno, junto com o aluno descobrir as mais intrigantes de todas as belezas: a beleza da diversidade, a partir da individualidade de cada um, seja ele, cego, surdo, paraplégico, altista, hiperativo, negro, índio, estrangeiro, branco, etc. um ensino cooperativista, a partir do respeito e da empatia.

O fato é que os materiais necessários a esta sonhada educação inclusiva, vem se demonstrando a muito tempo, se começar a partir da educação local, da secretaria municipal de educação, um reinventar da educação a partir da educação infantil oferecer formações sobre inclusão para os gestores das escolas como uma regra, fazer parceria com instituições de especialização e oferecer gratuitamente para professores da rede municipal a formação de inclusão, contratar mais professores, adequar o ambiente, para que se torne possível tal inclusão. E a partir das formações

os professores e gestores continuassem por meio das formações a relembrar o intuito inclusivo, não como uma obrigação, mas como uma meta competente a todos, ou que a instituição oferecesse a comunidade e aos pais, formações, trabalhos com relação a inclusão, assim estaria aos poucos transformando a sociedade em um local de inclusão. Para Mantoan (2015, p. 23)

Os caminhos propostos por nossas políticas (equivocadas?) de educação continuam insistindo em “apagar incêndios”. Elas não avançam como deveriam, acompanhando as inovações, e não questionam a produção da identidade e da diferença nas escolas. Continuam mantendo um distanciamento das verdadeiras questões que levam à exclusão escolar.

Na contemporaneidade existem projetos que estão funcionando, existem escolas com salas de recursos, outras com salas de aula superlotadas, outras em que o aluno a ser incluído é tido como um peso sendo carregado pelos colegas, visto que as crianças não compreendem por que um tem tratamento diferente dentro da mesma sala de aula, acabando por acontecer em nome de inclusão uma certa exclusão e até um certo incentivo ao preconceito o, por aprender a tratar o diferente de forma diferente deles. Enfim, o Sistema no Brasil ainda não sabe ensinar a incluir, porque ainda sabe incluir, é preciso aprender a aprender.

VII- A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NA INCLUSÃO

Todo ser humano é vocacionado a algo, tem talentos individuais para serem desenvolvidos, este aspecto é tão específico com relação ao ser professor, pode-se perceber que em alguns casos a pessoa se esforça, se prepara mas não alcança os ideais desejados, enquanto que em outros casos o ensinar é tão natural que quase não se percebe esforço por parte do profissional, neste ponto quando Mantoan (2006) afirma que “A escola para todos exige uma virada na formação inicial dos professores, o que é bem mais difícil e complexo, mas principalmente na formação em serviço, ora proposta e realizada.”, entende-se que a inclusão não é apenas para crianças com deficiência, transtornos e síndromes mas para todos, e assim entende-se o que seria um professor vocacionado, que olhe para a importância do seu “ser professor” independente das condições que enfrenta para tal prática.

Sabendo-se que a educação é um direito de todos, é de suma importância destacar que uma das prioridades para evolução do projeto de inclusão, seria a formação do professor que acompanhará de perto a cada criança, para Mantoan (2015) “Não se pode encaixar um projeto novo, como é o caso da inclusão, em uma

velha matriz de concepção escolar, daí a necessidade de se recriar o modelo educacional vigente".

Percebe-se nesse ponto uma certa deficiência no sistema de gestão educacional, visto que a maioria dos professores que recebem crianças com deficiência ou transtornos globais de desenvolvimento em sala de aula, não teve uma formação adequada, e muitas vezes por falta de empenho da gestão escolar, alguns só ouviram falar sobre a inclusão e quando recebem uma criança diferente tem que correr atrás de materiais e formações necessárias para fazer o seu trabalho com qualidade.

A declaração da Salamanca traz um ponto muito interessante com relação a deficiência, nos escritos do ponto C 40 ao 46, apresenta a proposta de investir em professores com deficiência, para que o incluído tenha referência de estudantes que passaram pelo processo educacional com sucesso, e de fato o índice de professores com deficiência é mínimo, mas este número tende a crescer a partir das medidas que vem acontecendo no século XXI em favor da valorização do diferente, seja por deficiência, síndromes, transtornos, cor, etnia, sexo.

Para Mantoan (2015, P. 25)

Os serviços de apoio especializados, tais como os de intérpretes de língua de sinais, aprendizagem do sistema braile e outros recursos especiais de ensino e de aprendizagem, não substituiriam, como ainda ocorre hoje, as funções do professor responsável pela sala de aula da escola comum.

Para um professor que não fez especialização e não teve acesso a formação com relação aos diversos tipos de deficiência, síndromes e transtornos, numa sala de aula de ensino regular, quando se matricula um aluno para inclusão, por exemplo um surdo, um cadeirante, ou um autista severo, numa sala com 25 alunos, como um professor sem preparo, nem experiência pode trabalhar a inclusão numa perspectiva de todos os alunos, ou se dedicará ao referido inclusivo, ou o deixará de lado e trabalhará com o restante dos alunos, nesse sentido quando Mantoan (2015, p.45) afirma que,

Assim como qualquer aluno, os professores não aprendem no vazio. Por isso, a proposta de formação parte do “saber fazer” desses profissionais, que já possuem conhecimentos, experiências e práticas pedagógicas ao entrar em contato com a inclusão ou qualquer outra inovação educacional.

A pessoa do professor, assim como as crianças não aprende sozinho, mas com a experiência dos anos dos profissionais especializados e uma reformulação do

sistema educacional, nas redes de ensino público e particular que assumiram o sistema inclusivo nas salas de ensino regular pode-se perceber o despontar de um novo tempo na educação.

Um outro aspecto da inclusão é o da conquista da criança com deficiência, transtornos ou síndromes é essencial para que elas se adéquem as normas de uma sala de aula, aos colegas e principalmente ao professor, para isso um sorriso, um elogio, uma figurinha, pode ser o início de um laço profundo entre o construtor e o que está sendo construído. Para Stein, a empatia é fundamental para que a troca existente entre educador e educando seja eficaz, já que um educador verdadeiro não repassa conhecimentos, está sempre aprendendo junto, adquirindo experiência.

Segundo Mantoan, (2015 p. 44)

Como se considera o professor uma referência para o aluno, e não apenas um mero instrutor, a formação enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento, como na formação de atitudes e valores do cidadão. Assim sendo, a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino.

Visto que a empatia e a inclusão são duas vertentes destinadas a caminharem juntas, faz-se necessário a reflexão com relação às dificuldades que professor encontra para praticar esta empatia inclusiva por diversas questões encontrados dentro de uma sala de aula no Brasil, por exemplo o número alto de alunos dentro de uma sala de aula, a falta de investimentos em formações e cuidados com a pessoa do professor, a desvalorização da educação como um todo, e a falta de recursos em muitas áreas sejam na escola, sejam pessoais, porém sem a prática da empatia a inclusão definitivamente torna-se um compromisso escrito em belas palavras em tantos documentos, mas serão apenas palavras mortas aplaudidas por inúmeras pessoas, praticada e desejada por uma minoria.

VIII- METODOLOGIA

O presente estudo de cunho analítico teve como meta responder a problemática: Quais foram as dificuldades e quais os avanços enfrentados pela educação inclusiva historicamente e na atualidade, no Brasil?

E como objetivo geral: Investigar como acontece o processo de inclusão dentro das escolas públicas e privadas, num contexto histórico, o progresso alcançado e quais pontos ainda precisam evoluir, utilizando para isso a pesquisa de natureza qualitativa.

Como procedimentos técnicos da pesquisa de campo, foi aplicado de modo virtual questionários com perguntas abertas respondidos por quatro professoras sendo duas da rede Municipal de ensino e duas da rede particular de ensino da cidade de Ponta Grossa – Pr, e as informações colhidas aprofundadas pelo conhecimento científico por meio de Teóricos da Educação Inclusiva.

IX- ANÁLISE DE DADOS

Com a contribuição de uma escola municipal e um colégio particular, ambos da cidadede Ponta Grossa, professoras do ensino fundamental 1, dos 1º, 3º e 5º anos responderam a um questionário, e a partir das respostas, associou-se o conhecimento dos teóricos analisados com a prática do cotidiano atual de ensino, aprendizagem e socialização das crianças, nestas escolas.

Na rede municipal duas professoras responderam ao questionário, caracterizadas nesta análise por: EMP1 e EMP2 e uma professora da rede provada caracterizada por PP1 e PP2.

O primeiro questionamento foi com relação a quanto tempo já trabalharam com a inclusão e quais as deficiências.

EM P1: Sim, tive um aluno com Asperger, mas foi há uns 20 anos atrás, onde não se falava em inclusão. E em 2019 recebi um aluno autista, que é meu aluno ainda.

EM P2: Sim. Alunos autistas, com dificuldade motora e com síndrome de down. PP1: Sim, a grande maioria dos alunos que recebo tem diagnóstico autista ou de imperatividade, e há dois anos recebi um aluno muito especial com retardo mental eportador da síndrome ligada ao ATRX (síndrome rara).

PP2: Nunca tive alunos com alguma deficiência física.

Na segunda pergunta: Na sua opinião esta instituição escolar está preparada para acolher alunos com deficiência?

EM P1: Em partes, tem Sala de Recursos Multifuncionais, mas há pouco incentivo a acolhida do aluno inclusivo.

EM P2: Trabalhar com alunos inclusos é sempre um grande desafio, mas eu como regente de turma, a professora auxiliar e todos da escola nos empenhamos para que se sintam acolhidos e apresentem progressos no desenvolvimento da

aprendizagem, no formação pessoal e na socialização. No que se refere ao prédio a escola tem rampas de acesso, cadeira de roda, banheiro adaptado e quanto as necessidades que vão surgindo ao longo da caminhada procuramos nos adaptar para que a criança tenha o melhor.

PP1: Sim

PP2: Sim, a instituição possui rampas de acesso, pisos táteis, placas com as letras em libras e placas que auxiliam os deficientes auditivos. A biblioteca infantil possui vários livros em braile.

Percebe-se que é comum há décadas a tentativa da inclusão de pessoas com deficiência, dificuldades de síndromes e transtornos globais em sala de aula na escola regular. Percebe-se uma maior dificuldade na escola pública, por vários aspectos: faltam recursos e ambientes que facilitem a inclusão, ou pela quantidade de alunos em sala de aula com uma só professora no fundamental 1, as crianças são muito dependentes dos professores, nestas primeiras questões já se acentua a diferença entre a escola pública e a escola particular, com relação a recursos, estrutura física do ambiente e preparo dos professores.

Na terceira pergunta: Como foi sua reação quando recebeu esse aluno para inclusão?

EM P1: Fiquei um tanto surpresa, pois a equipe pedagógica não me avisou que eu teria um aluno inclusivo. Quem me falou foi que ele era autista foi a mãe. Faltou comunicação.

EM P2: De início o sentimento foi de incapacidade pois não tenho formação especializada nestas áreas, mas eu e a professora auxiliar fomos buscando informações sobre os casos de cada aluno, perguntando para pessoas mais experientes na área, pedindo ajuda para equipe da escola e pudemos ver que os alunos mostraram grandes progressos.

PP1: Minha primeira reação foi de surpresa.

Nas respostas das professoras da escola do município acentua-se a dificuldade com a gestão no processo de inclusão. Um dos pontos importantíssimos para que uma instituição de ensino se torne inclusiva, é que a gestão escolar tenha a consciência do sistema de inclusão, e abrir as portas, mas não somente da instituição, mas as do coração para acolher a criança com deficiência, transtornos globais e síndromes. Quando o diferente se tornar um desafio abraçado pelas instituições de

ensino, não somente pelos professores que tem o contato direto com as crianças, mas a instituição como um todo terá a oportunidade de ver florescer as mais belas flores, crianças com deficiências, transtornos, síndromes, tem potenciais inimagináveis a serem descobertos, apesar de que na realidade quando se fala inclusão deve -se olhar para todas as crianças.

Na quarta pergunta: Quais os principais desafios que encontrou?

EM P1: Trabalhar com aluno sem um prenho, pois não fui avisada previamente, outro fator que no início foi difícil, ter outra professora e junto comigo em sala. Nesses três anos de trabalho tive uma reunião sobre a inclusão, reunião que não acrescentou no meu trabalho efetivo com o aluno. Busquei formas de trabalhar em leituras e estudos.

EM P2: Os três tipos de dificuldade, ou seja, autismo, deficiência motora e síndrome de down colocam muitos desafios que só quem vive o dia a dia com eles podem dizer que cada dia é uma vitória, uma superação ou, às vezes, uma frustração e uma luta contra nossa incapacidade. Desafios como: não querer fazer as atividades propostas, não comer sozinho, não ir ao banheiro sozinho, não conseguir expressar o que está sentindo, não dialogar, não se locomover etc. São muitos obstáculos para serem vencidos.

PP1: Conquistar a confiança de cada criança, pois após este vínculo formado o ensino ocorreu de melhor forma.

Na terceira e na quarta questão, a reação das professoras, percebe-se o quanto é importante a formação, primeiro para que a professora tenha condições empáticas para acolher tal criança, bem como a confiança de ter uma equipe a trabalhar com ela, que gestores e toda a equipe da escola esteja disposto abraçar a causa da inclusão a mais que isso o indivíduo que foi confiado àquela escola. Em alguns casos encontra-se professoras comprometidas com a educação, esforçadas, que procuram descobrir como trabalhar com o desconhecido, porém em outros pessoas cansadas e sem motivação.

A professora PP2 coloca uma questão muito importante de ser discutida e repensada por toda a com unidade educacional, “só quem vive sabe”, nesta frase existe toda a verdade e um apontamento de possibilidade de avanço no campo da inclusão, a equipe gestora de preparar a professora que trabalhará tal realidade, o município ao colocar o desafio da inclusão sem uma prévia preparação, ou até

mesmo se para as pesquisas fossem feito acompanhamentos na vida real, no cotidiano de sala de aula, a partir dessa resposta pode-se apontar um pedido de socorro da professora, não somente para si enquanto profissional, mas para a criança a ser inclusa e as outras crianças que precisam se adequar ao modo diferenciado de vida do incluído.

Na quinta pergunta: Quais os principais benefícios que este aluno incluso, trouxe às outras crianças da classe, e à escola?

EM P1: Acredito que aprendi muito tendo o aluno em questão. Procurei me aperfeiçoar para melhor trabalhar com ele. A relação com a turma foi sempre muito franca, as crianças sabem que ele é autista e sabem que suas atitudes são diferentes, mas isso não interfere no trabalho. Tem alguns alunos que o aluno em questão apresenta afinidade e aceita com tranquilidade, enquanto outros ele não aceita e as crianças não veem isso como problema.

EM P2: Isso é incrível. A turma como um todo aprende a tratar eles com tanto carinho e respeito demonstrando preocupação com as dificuldades e alegria com o progresso deles. Esta parte nos incentiva a nunca desistir deles e sempre fazer o máximo para que eles se desenvolvam. É uma cobrança dos próprios amigos que o professor interaja com os colegas e aplique atividades para eles também.

PP1: Eles aprendem a respeitar um ao outro e entender que cada um tem um jeito e uma forma de se expressar, assim demonstrando afeto e carinho e uma ótima convivência.

PP2: Acredito que os projetos são extremamente importantes para promover a inclusão, pois incentiva o trabalho em grupo, e desenvolve uma atividade prática entre os alunos.

A relação das crianças com a criança inclusa, é apontada por todas as professoras como um ponto positivo, a acolhida, o amor entre as crianças o senso de responsabilidade apresentado em ambas as escolas.

Para Mantoan, 2015, p.38 “Um hábito extremamente útil e natural, e que tem sido muito pouco promovido nas escolas, é o de os alunos se apoiarem mutuamente durante as atividades de sala de aula”, segundo as respostas das quatro professoras nesta pergunta, é a acolhida entre as crianças, percebe-se aqui um dos pontos assertivos da inclusão e que poderia ser mais explorado e aperfeiçoado que é o conteúdo repassado a todos, a revolução da educação a partir do aluno.

Na sexta pergunta: Qual foi a sua relação com a criança e com a família dela, com relação a esse processo de inclusão?

EM P1: A relação com a família sempre foi muito boa, sempre procurei manter a família a parte de todas as ações tomadas por mim e o direcionamento do trabalho, com relação as rotinas e o auxílio em casa. A mãe tem muita confiança no meu trabalho.

EM P2: Neste item houve grande diferença entre o comportamento das famílias em relação ao trabalho da escola. Os pais de um dos alunos com autismo eram bem difíceis de chamá-los a responsabilidade com a frequência e as atividades da escola. Em compensação, as outras duas famílias eram muito comprometidas com o desenvolvimento dos filhos e faziam tudo o que a escola sugeria.

PP1: A relação família e escola aconteceram da melhor forma possível, pois devido aos desafios enfrentados os vínculos se tornaram maiores, facilitando assim o meu trabalho e o dos pais.

No quesito relacionamento com a família percebe-se a pluralidade dos lares das crianças, e o modo como são tratadas e a importância do relacionamento escola-família e vice-versa, porque a aceitação de um filho com síndromes, transtornos ou deficiências, nem sempre é uma coisa efetiva e na condição contemporânea de desestrutura familiar, nem sempre pode-se contar com as famílias.

O que ainda falta para que a escola seja inclusiva, em todos os seus campos de atuação?

EM P1: Falta comunicação, falta apoio, por vezes me senti a única a trabalhar com inclusão, pois quando se fala em inclusão é um todo. Ouvi várias vezes, colegas, falarem que meu aluno era difícil, o que não é. Falta uma conscientização por parte do todo da escola.

EM P2: Penso que um dos principais pontos é que a professora auxiliar para os alunos inclusos tenha formação completa na área educacional. Pois, muitas vezes, pegam estagiárias em início de curso e sem experiência nenhuma na educação. Outro ponto, é oferecer formação constante nesta área para nós professores que ficamos com estes alunos.

PP1: Recursos diferenciados, como uma brinquedoteca e profissionais da área da inclusão para nos orientar melhor.

PP2: Não, o aluno com deficiência ele não atrapalha. Todos os alunos são

singulares e precisam de uma atenção diferenciada, o aluno deficiente não é diferente, ele também vai precisar de um outro olhar da professora. Qualquer sala de aula é rica em experiências, em cultura, em amizades e conhecimentos.

Conscientização, a professora P1, repassa um dos valores principais da inclusão, quando diz: “a inclusão é um todo” e em seguida “falta conscientização, neste ponto em pleno século XXI falta conscientização, em tempos de tanta modernidade de tanto de falar em inclusão, para-se na superficialidade de cor, gênero, etc. inclusão trabalhar a conscientização do profundo da palavra, e mais do que conscientização, comprometimento, seja da equipe gestora, seja do poder público, que apontam leis, outros lutam por direitos da criança de ser inclusa, porém um professor sozinho apaixonado é capaz da inclusão sim, mas precisa lutar o dobro, mas se ele tiver uma comunidade escolar que trabalhe inclusão com ele, aí sim alcaçaria um propósito maior.

Outro ponto unânime é a formação constante na área para os professores, investimentos em capital humano, e físico para colaborar com o ensino, porém se observar certas diferenciações que se é obrigado a fazer para que a aula prossiga de forma eficaz, remete a pergunta, mas inclusão ou a educação especial dentro da sala de aula? Para Mantoan, 2015, p.26

Os caminhos propostos por nossas políticas (equivocadas?) de educação continuam insistindo em “apagar incêndios”. Elas não avançam como deveriam, acompanhando as inovações, e não questionam a produção da identidade e da diferença nas escolas. Continuam mantendo um distanciamento das verdadeiras questões que levam à exclusão escolar.

E assim percebe-se que muitas teorias, estão vazias da prática cotidiana, o poder público cria leis, o sistema de gestão, cria os projetos para serem cumpridos, através de ideias, mas o professor que está em sala de aula, que tem o material da experiência, que sabe com a prática o que funciona e o que não, nem sempre é ouvido.

Na sétima pergunta: Na sua opinião as turmas com alunos inclusos atrapalham o desenvolvimento dos demais alunos? Ou enriquece...por quê?

EM P1: Acredito que não atrapalha o desenvolvimento da turma, desde que a professora saiba gerenciar as ações.

EM P2: Normalmente as turmas têm um número grande de alunos e os alunos inclusos precisam de atenção o tempo todo o que, se não tivermos uma

auxiliar competente em sala de aula, torna o trabalho mais complicado. Mas, é notório que a presença dos alunos inclusos traz um grande crescimento pessoal e social de todos os alunos.

PP1: Enriquece porque se bem trabalho pelo professor regente faz uma união de todos e cada um aprende a respeitar um ao outro e entender as diferenças de cada um.

PP2: Sim, a inclusão quando é deixada de lado é a primeira forma de bullying.

Na sétima questão percebe-se um ponto extremamente positivo na discussão sobre inclusão, o desenvolvimento, das crianças cognitivo, emocional e social, para Mantoan 2015, p.29,

As condições de que dispomos, hoje, para transformar a escola nos autorizam a propor uma escola única e para todos, em que a cooperação substituirá a competição, pois o que se pretende é que as diferenças se articulem e se componham e que os talentos de cada um sobressaiam.

Quando as professoras apontam em suas respostas o enriquecimento do trabalho com as crianças, percebe-se um avanço significativo da inclusão, visto que esta inclusão na sala de aula, não permanecerá nela porque a criança retorna para casa para seu convívio social e a partir da inclusão que vive em sala de aula passará a praticar também em outros ambientes, podendo ir lançando as sementes de inclusão para a transformação da sociedade.

Na oitava pergunta: Você concorda que se bem trabalhada a inclusão em sala de aula e na instituição escolar, podemos estar contribuindo para a diminuição do problema do bullying?

EM P1: Na verdade percebi o bullying em outras situações, e com os alunos não inclusos, isso é um tema muito polêmico. Na minha classe não o percebi com relação a inclusão.

EM P2: Com certeza, se o professor colocar em prática a equidade reconhecendo as individualidades e mostrando aos alunos que todos são iguais apesar das diferenças e por isso todos devem ser tratados com respeito o bullying será afastado com maior facilidade. É um trabalho de formiguinha pois a criança tem a sua formação pessoal conforme o que aprende em casa exigindo do professor uma orientação constante.

PP1: Sim

Nesta oitava questão a resposta da professora EMP2, revela um ponto positivo

do sistema inclusivo, como ela diz “trabalho de formiguinha” por ser minucioso e lento, porém eficaz, quando as crianças aprendem a conviver com a diferença, dentro do respeito e da admiração pelo outro, os preconceitos descritos de tantos nomes na atualidade poderão ser diagnosticados.

Na nona pergunta: O que você pensa da PNNE/2020? Atribui um avanço ou um retrocesso na história do processo de inclusão no Brasil?

EM P1: Acredito que todas as ações para contribuir com a melhoria do ensino são bem vindas, o problema é que na prática a escola não está preparada, tanto na estrutura física, como na formação de profissionais capacitados.

EM P2: Penso que o respeito a opinião da família em colocá-lo ou não no ensino regular deve ser mesmo considerado, porém cabe ao poder público oferecer escolas de qualidade para esses alunos e é necessário que, ao optar pela escola regular a família seja respeitada e incentivada propondo ao educando todos os recursos humanos e físicos para o seu melhor desenvolvimento.

PP1: Com a ampliação da PNNE / 2020 os estudantes com deficiência ou transtornos puderam escolher a instituição a qual querem estudar.

Acredito que com esta decisãoouve um grande avanço no processo de inclusão no Brasil.

PP2: A pessoas portadoras de necessidades especiais fazem parte da nossa sociedade desde os primórdios. Esse processo de inclusão, se for bem trabalhado, e desenvolvido pode ser um enorme avanço.

Com relação a PNNE/2020, que ainda está em tramitação porque foi suspensa pelo STF, porém a opinião é unânime dos quatro professores, como um avanço para a inclusão, porque amplia os horizontes para a inclusão, não mais uma escola especial, nem uma escola regular sem preparo, mas a família poder escolher a escola para seu filho com deficiência, transtornos e síndromes ou não, a oportunidade de estudar em escolas bilingue sendo libras a segunda língua é uma evolução.

Na décima pergunta: Em sua opinião o que pode ser feito para melhorar no quesito inclusão escolar, no contexto educacional geral?

EM P1: Precisamos de uma ação concreta, com pessoal capacitado e que haja muitodiálogo e muito apoio pedagógico, pois cada criança inclusa é única, bem como os demais, com suas fragilidades e potencialidades.

EM P2: É preciso iniciar o trabalho de conscientização e de formação dos profissionais da educação dentro dos cursos de formação superior. A formação continuada na área também deve ser oferecida constantemente aos professores. Campanhas de respeitoas diferenças também podem ajudar.

PP1: Mais profissionais capacitados. PP2: não respondeu

Para os professores de forma unanime nesta questão pode-se apontar, a falta de formação, de investimento, de abraçar uma causa, de revolução do modo de ensinar.

Na décima primeira pergunta: Quais as adaptações a comunidade escolar deve desofrer para acolher as crianças inclusas?

EM P1: Essa questão é muito complexa, pois como falei, alguns colegas não aceitam muito bem os alunos inclusos, imagine a comunidade escolar como um todo.

EM P2: O incentivo a equidade entre todos da comunidade escolar teve bom resultado. PP1: Adaptação de planejamento e construção de materiais para o maior desenvolvimento dele.

PP2: As mudanças são várias, desde a adaptação da estrutura, dos livros, materiais didáticos e adaptação dos espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva tem um sentido pouco compreendido pela maioria das pessoas: o fato de que a educação inclusiva é para todas as crianças, não somente as portadoras de deficiência física, síndromes ou transtornos globais, mas para todo o alunado que adentra a escola, cada um com sua especificidade, com seu diferente para contribuir para a construção da nova sociedade cooperativa. Outro aspecto importante neste caminho de inclusão é o convite a uma mudança de mentalidade, para se enxergar cada indivíduo e sua identidade específica, e a educação é a ferramenta de polimento de cada pedra bruta que são as crianças.

Durante as análises dos livros, sites e documentos estudados, foi-se desenhando a história evolutiva da educação especial com vistas a educação inclusiva, em resposta a problemática deste trabalho: Quais foram as dificuldades e quais os avanços enfrentados pela educação inclusiva historicamente e na atualidade, no Brasil? Encontrou-se como respostas uma grande luta por um ideal belo, e que vem evoluindo por meio de um trabalho árduo de poucos, existe uma diversidade de definições sobre inclusão e muitas falsas compreensões sobre o verdadeiro ideal de uma escola para todos, e cada pequeno grupo lutando separadamente por sua verdade.

Pela análise dos dados informados nas escolas investigadas, e as experiências dos estágios em sala de aula, contrapondo às informações históricas às dos teóricos que lutam para que o ideal da educação inclusiva, percebe-se que muito se evoluiu historicamente, mas para que se concretize também no Brasil o processo inclusivo que os países de primeiro mundo já alcançaram ainda é necessária muita revolução no sistema educacional, um novo modo de fazer educação.

Pelas informações colhidas nas escolas analisadas, percebe-se uma grande diferença entre o trabalho de inclusão na escola regular de pessoas com deficiência, síndrome e transtornos globais, em especial com relação ao número de alunos em cada sala de aula, também com relação ao preparo da escola tanto em questão de espaço físico, quanto da preparação dos profissionais da educação em especial o despreparo dos professores para assumirem estas turmas percebe-se nitidamente que a escola particular está muito mais avançada do que a escola pública, fica

evidente pelas respostas das professoras nos questionários. Um dos benefícios da inclusão é a educação para uma nova sociedade aberta a acolhida das diferenças, as crianças ao se depararem com a diferença na maioria dos casos logo são impelidas a ajudar, uns aos outros.

Conforme a análise de dados e pela observação na sala de aula nos estágios curriculares, percebe-se que ainda existe uma certa distância de tal ideal de inclusão do apontado na Declaração da Salamanca, e muitos pontos vulneráveis ainda neste projeto, pode-se perceber a partir de um ciclo de coisas um dos pontos principais a desvalorização dos professores por parte das autoridades, o que leva a uma desordem de relacionamentos dentro das escolas, começando das divergências entre gestão e equipe, que desemboca claramente nas salas de aula, fazendo com que alguns aspectos que poderiam ser simples, como a questão da empatia para com o aluno, o conquistar da criança.

Evidencia-se a necessidade urgente de uma abertura de consciência, uma dose de empatia, e formação prática nas escolas, para que o ideal não permaneça palavras belas, porém sem vida, uma utopia, enquanto na realidade as crianças inclusas sejam prejudicadas por não terem acesso a um ensino de qualidade e uma acolhida digna da riqueza que é o seu ser diferente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Bruno; **Síndrome que dá génios ao mundo**; Disponível em: <https://www.dn.pt/ciencia/saude/sindrome-que-da-genios-ao-mundo-1338111.html>; acessado em 06/09/2021

ANTUNES, Celso; **Educação Inclusiva:** Disfunções Cerebrais e a Inclusão. Florianópolis – SC. Ceitec. 2006. P.121;130.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**

BRASIL, [Constituição Federal (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=430-constituicao-de-1988&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192 BRASIL. Acesso em setembro 2020.

BRASIL. **Lei nº 8069/90 Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** 1990 ,Brasília, DF: disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei_8069_01.pdf. Acesso em setembro 2020.

BRASIL, **Lei nº 9394/96 Legislação de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)** 1996. Brasília, DF: disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf. Acesso em agosto 2020.

BRASIL, **Decreto nº 10.502 de 30 de setembro de 2020.** Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Especial PNEE (2020). Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>. Acesso em novembro 2020.

DIAS, Maycon Rodrigues de Oliveira Dias. **A Inclusão do Diferente no Contexto Social:** Dever de Todos. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 06, Vol. 01, p.8, 2018.

EMPATIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português.** Ponta Grossa,

2021. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/empatia/>>. Acesso em: 06/09/2021

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão, diferença e deficiência:** sentidos, deslocamentos, proposições. Universidade Estadual de Campinas - Campinas, SP, - Brasil. Inc. Soc., Brasília, DF, v.10 n.2, p.37-46, jan./jun. 2017

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar- O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão, diferença e deficiência:** sentidos, deslocamentos, proposições. Inclusão Social, DF, v.10 n.2, p.37-46, jan./jun. 2017

MENDES, Rodrigo Hubner, **Educação Inclusiva na prática:** experiências que ilustram como podemos acolher todos e perseguir altas expectativas para cada um. Fundação Santillana. Editora Moderna. São Paulo. 2020.

MIRANDA, Teresinha G., FILHO, Teófilo A.G. **O professor e a educação inclusiva:** Formação, práticas e lugares. EDUFBA.Salvador. 2012

RUS, Éric de. **A Visão educativa de Edith Stein:** Aproximação a um gesto antropológico integral. Belo Horizonte. Editora Artesã. 2015

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** São Paulo SP, p.56, 2013.

São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA:** Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. **Salamanca – Espanha, 1994.**

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** A pedagogia nova. 4^a.ed.; p. 8 – 9. Campinas-SP: Cortez, 2008.

<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/conheca-o-historico-da-legislacao-sobre-educacao-inclusiva/> Acesso em 28-08-2021.

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO

- 1) Você já teve outros alunos inclusos, ou é a primeira vez? Se sim quantas vezes e qual a deficiência?
- 2) Na sua opinião esta instituição escolar está preparada para acolher alunos com deficiência?
- 3) Como foi sua reação quando recebeu esse aluno para inclusão?
 - 3.1- Quais os principais desafios que encontrou?
 - 3.2- Quais os principais benefícios que este aluno incluso, trouxe ás outras crianças da classe, e à escola?
- 4) Qual foi a sua relação com a criança e com a família dela, com relação a esse processo de inclusão?
- 5) O que ainda falta para que a escola seja inclusiva, em todos os campos de atuação?
- 6) Na sua opinião as turmas com alunos inclusos atrapalham o desenvolvimento dos demais alunos? Ou enriquece...por quê?
- 7) Você concorda que se bem trabalhada a inclusão em sala de aula e na instituição escolar, podemos estar contribuindo para a diminuição do problema do bullying?
- 8) O que você pensa da PNNE/2020? Atribui um avanço ou um retrocesso na história do processo de inclusão no Brasil?
- 9) Em sua opinião o que pode ser feito para melhorar no quesito inclusão escolar, num contexto geral?
- 10- Quais mudanças a comunidade escolar tive que sofrer para acolher as crianças inclusas?
- 11- Qual a relação escola-família dessas crianças?